



PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Friday 5 November 2010 (afternoon)
Vendredi 5 novembre 2010 (après-midi)
Viernes 5 de noviembre de 2010 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1

Que livro está a ouvir? A pergunta não é assim tão bizarra. No carro, na praia, na pista de *jogging* é agora possível ouvir uma história de um autor de quem se gosta. Devido ao audiobook – a publicação em formato áudio de um texto lido em voz alta, a uma ou mais vozes. “Tem de procurar ser mais do que o mero encontro entre uma voz, um conteúdo escrito e um gravador” defende Oriana Alves, directora editorial da editora Boca, fundada em 2006, que se dedica, exclusivamente, à edição nesse suporte. Os audiobooks aliam o prazer de ler ao prazer de ouvir, lembrando que as boas histórias ficam sempre no ouvido. “Podemos estar de olhos fechados e libertarmo-nos da realidade, deixando-nos transportar para outros mundos,” sublinha Sandra Silva, responsável da 101 Noites que, desde 2007, investe em audiobooks, a par da edição de livros em papel.

Dois aspectos são comuns às editoras portuguesas de audiobooks – o amor ao livro em papel e a vontade de ouvir o som que têm as palavras dos seus autores e histórias de eleição. São eles o motor de arranque desta nova maneira de ler – uma forma de estimular a audição, numa sociedade saturada de imagens.

Além de constituírem uma mais-valia para os invisuais ou para os leitores mais velhos, os audiobooks podem também chegar aos países lusófonos e ajudar a combater o custo de exportação dos livros em papel, argumentam os editores, já que em segundos, é possível fazer o *download* de um ficheiro áudio. É possível transportar uma minibiblioteca na mala, graças às facilidades de distribuição e armazenamento proporcionadas pelas novas tecnologias. É certo que a relação táctil com o objecto livro acaba por se perder. Mas, pedindo emprestada a frase a Fernando Pessoa, “primeiro estranha-se, depois entranha-se”.

Revista Visão, (adapt.) Portugal (2009)

Texto 2

Em criança, ainda antes de aprender a ler, passava horas na biblioteca da nossa casa, sentado no chão, a folhear grossas enciclopédias ilustradas, enquanto o meu pai compunha versos árdus, que depois, muito sensatamente destruía. Mais tarde, já na escola, refugiava-me nas bibliotecas para fugir às brincadeiras sempre brutais, com que os rapazes da minha idade se entretinham. Fui um menino tímido, franzino, alvo fácil da chacota dos outros. Cresci – cresci até um pouco mais do que é comum, ganhei corpo mas continuei retraído avesso a aventuras. Trabalhei durante alguns anos como bibliotecário e creio que fui feliz nessa época. Tenho sido feliz depois disso. Na grande literatura são raros os amores felizes. E sim, ainda agora leio. Percorro as lombadas ao entardecer. Entretenho-me, à noite, com os livros que Félix deixa abertos, esquecidos, sobre a mesa-de-cabeceira*. Sinto a falta, nem eu sei bem porquê, d’ *As Mil e Uma Noites*, na versão inglesa de Richard Burton. Devia ter oito ou nove anos quando as li pela primeira vez, às escondidas do meu pai, porque na época era ainda uma obra obscena. Não posso regressar às *Mil e Uma Noites* mas, em contrapartida, venho descobrindo novos escritores. Agrada-me, por exemplo, Coetzee, o bóer, pela aspereza e precisão, o desespero sem indulgência. Surpreendeu-me saber que os suecos distinguiram numa obra tão boa.

Lembro-me de um quintal estreito, de um poço, de uma tartaruga dormindo na lama. Ia um bulício de gente para além das grades. Recordo ainda as casas, baixas, afundadas na luz fina (como areia) do crepúsculo. A minha mãe estava sempre ao meu lado, uma mulher frágil e feroz, ensinando-me a recear o mundo e os seus perigos inumeráveis.

“A realidade é dolorosa e imperfeita,” dizia-me, “é essa a sua natureza e por isso a distinguimos dos sonhos. Quando algo nos parece muito belo pensamos que só pode ser um sonho e então beliscamo-nos para termos a certeza de que não estamos a sonhar – se doer é porque não estamos a sonhar. A realidade fere, mesmo quando, por instantes, nos parece um sonho. Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo o que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolhe os livros”.

José Eduardo Agualusa, *O Vendedor de Passados*, Angola (2004)

* mesa-de-cabeceira (Português variante europeia): criado mudo (Brasil)

- Identifique as características que diferenciam os dois tipos de texto.
- Compare a forma como os objectivos dos textos são adaptados ao público a que se destinam.
- Comente a forma como as referências feitas a outros textos enriquecem e complementam os textos apresentados.

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 3

Moleque¹ de cartola²

Contra a lua
que flutua
desce a rua
o moleque de cartola.

- 5 Subvive
triste como a noite
estilhaçada de estrelas
– inocência que a cidade corrói
e desfigura.
- 10 Ninguém vê a lágrima
a revolta
o desespero
– quem se importa com pegadas
de pés descalços na noite?
- 15 (Na mão o saco de cola
e na cabeça
a cartola.)

Marcelo Cardoso, *Ronda*, Brasil (2001)

¹ Moleque (Brasil): criança

² cartola: chapéu de copa alta e aba estreita

Texto 4

Ser cego vale dinheiro. Mas trazer uma criança ao colo ainda vale mais. E não ter uma perna ou um braço pode render tanto que alguns pais levam os próprios filhos ao médico para serem amputados. Todos os dias 60 mil mendigos percorrem Nova Deli, na Índia, em busca de esmolas. Metade consegue menos de € 1 por dia. Os outros sujeitam-se aos maiores sacrifícios e às torturas das máfias dos pedintes. As cenas mostradas no filme *Quem quer ser Bilionário?* não são ficção: acontecem todos os dias, a toda a hora, na capital indiana.

Com a aproximação dos Jogos da Comunidade Britânica, de 3 a 14 de Outubro de 2010, calcula-se que o número de mendigos da cidade chegue aos 100 mil – tantos como os estrangeiros que assistirão ao evento. Os chefes da rua sabem que será uma oportunidade única: os pedintes podem ganhar mais do que nunca. Por isso estão a ensinar-lhes truques para identificarem as línguas dos turistas e algumas palavras para lhes pedirem dinheiro nos idiomas deles. Todos sabem que os casais de cinquentões ingleses são os mais generosos.

O dia começa no ponto de encontro habitual. Um grupo de mendigos senta-se no chão à espera da vistoria do chefe. Quando ele chega, tocam-lhe nos pés em sinal de respeito e esperam que os inspeccione. Se uma mulher com um filho estiver doente, pode passar o dia sem mendigar. Mas a criança é entregue a outra. Os miúdos* são ensinados a fazer expressões de tristeza, a levar a mão à boca a indicar fome.

A melhor idade para conseguir boas esmolas é entre os 4 e os 11 anos. Para captar a atenção das mulheres chamam-lhes *mama*. Aos homens pedem ajuda para escapar de um pai agressor.

Revista Sábado, (adapt.) *Portugal* (2009)

* miúdos (Portugal): crianças (Brasil)

- Identifique as características que diferenciam os dois tipos de (poesia/texto literário – prosa/texto não literário).
- Comente a diferença de tom que encontra entre os dois textos (superficial, triste, sério, crítico, *etc.*).
- Compare as semelhanças existentes entre os dois textos (contexto social e personagens).